



Acta Comportamentalia: Revista Latina
de Análisis de Comportamiento

ISSN: 0188-8145

eribes@uv.mx

Universidad Veracruzana
México

Batista Bettio, Claudia Daiane; Laurenti, Carolina

Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano

Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, vol. 24, núm. 1,
2016, pp. 95-108

Universidad Veracruzana
Veracruz, México

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274544251007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano

(Contributions of B. F. Skinner for studying human development)

Claudia Daiane Batista Bettio¹ & Carolina Laurenti

Universidade Estadual de Maringá
(Brasil)

RESUMO

A psicologia do desenvolvimento tem sido uma subárea de interesse da Análise do Comportamento. Considerando que B. F. Skinner estabeleceu as bases da análise comportamental, existem indagações sobre o posicionamento desse autor quanto aos temas estudados pela psicologia do desenvolvimento. Entretanto, Skinner não escreveu um texto no qual compilasse sua visão global sobre o assunto. A concepção dele sobre o desenvolvimento humano está fragmentada em suas diferentes publicações. Com base nisso, o objetivo deste texto é sistematizar as principais contribuições de Skinner para o estudo desse processo. Para tanto, nesta pesquisa, de natureza bibliográfica, foram examinados trechos de vinte livros de autoria de Skinner relacionados ao desenvolvimento, abarcando um período que vai da década de 1930 a década de 1980. Esse exame indica que Skinner estudou diferentes conceitos que constituem a terminologia típica da psicologia do desenvolvimento, dedicando-se mais a alguns deles em certas décadas do que em outras. Ele concebeu, sobretudo, o desenvolvimento como uma metáfora. Por conta dos compromissos dessa metáfora com determinantes internos do comportamento, alerta que seu uso na Análise do Comportamento deve ser cauteloso. O esclarecimento das contribuições skinnerianas a respeito do desenvolvimento poderá abrir novas possibilidades de interlocução com diferentes perspectivas psicológicas desse processo.

Palavras-chave: Psicologia do desenvolvimento; Comportamento e desenvolvimento; Análise comportamental e desenvolvimento; Skinner e desenvolvimento humano; Desenvolvimento e metáfora.

ABSTRACT

Developmental psychology has been a subarea of interest for Behavior Analysis. Considering that B. F. Skinner set up the basis of behavioral analysis, there are questions about the author's position with respect to issues from developmental psychology. However, Skinner has not written a text in which he compiled his overview about this subject matter. His conception of human development is distributed in different publications. Then, this paper aims to give an overview about the contributions for studying human development based on Skinner's published books between the decades of 1930 and 1980. Therefore, in this bibliographic

1) E-mail: daiane.bettio@hotmail.com

research, passages from twenty Skinner's books, which are related to the development, were examined. This examination indicates that Skinner has studied different concepts used in developmental psychology, prioritizing the discussion about some of them in some decades. Then, each decade is marked by a set of contributions for understanding human development. Skinner has understood the concept of development mainly as a metaphor. As such, this metaphor is committed to the idea of internal behavioral determinants. The allocation of internal causes for behavioral changes contradicts the fundamental hypothesis of the Radical Behaviorism: that the study of behavior on its own right is sufficient to explain psychological processes. Because of this, Skinner has warned that the use of developmental metaphor in behavioral science should be cautious. The clarification of Skinner's contributions regarding the development may open up new possibilities for dialogue between developmental psychology and Behavior Analysis.

Keywords: Developmental psychology; Behavior and development; Behavioral analysis and development; Skinner and human development; Development and metaphor.

A subárea da psicologia do desenvolvimento foi institucionalizada nos EUA em 1946 (Fisher & Lerner, 2005) e atualmente corresponde à sétima divisão da Associação Psicológica Americana (APA). De acordo com o último levantamento, realizado em 2013, essa divisão conta com um total de 916 pessoas, dentre membros, seguidores e associados. Embora os estudos iniciais da psicologia do desenvolvimento tenham recaído sobre a infância, o foco da área tem se modificado, passando a ser o “desenvolvimento dos indivíduos ao longo de todo o ciclo vital” (Mota, 2005, p. 106).

Ecoando a diversidade teórica da psicologia, “o campo de estudos do desenvolvimento humano apresenta diversas vertentes” (Moura, Correa, & Spinillo, 1998, p. 9), o que pode ser verificado em um breve exame dos manuais de psicologia do desenvolvimento. Nesses livros-texto, várias explicações sobre o desenvolvimento podem ser encontradas, cada uma delas sendo respaldada por contribuições de diferentes pesquisadores com metodologias diversificadas de estudo, como a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget e a teoria do desenvolvimento psicosssexual de Sigmund Freud (Katz, 1970).

Pelo menos desde a década de 1960 na Análise do Comportamento têm sido publicadas obras a respeito dos grandes temas da psicologia do desenvolvimento. A despeito disso, tais contribuições não são usualmente consideradas nos manuais de psicologia do desenvolvimento e, quando o são, Pelaez, Gewirtz e Wong (2008) argumentam que as menções não fazem justiça às contribuições da Análise do Comportamento para essa subárea da psicologia. Segundo esses autores, o enfoque da Análise do Comportamento tem sido identificado com a aprendizagem e não com o desenvolvimento, por autores que enfatizam a correlação de desenvolvimento com idade (Pelaez, Gewirtz, & Wong, 2008).

O grande pioneiro em estudos analítico-comportamentais na área do desenvolvimento humano foi Sidney W. Bijou (1908-2009). Em 1948 ele se tornou diretor e professor de psicologia do Institute of Child Development na Universidade de Washington. Nessa instituição, ele teve contato com Donald Baer (1931-2002), com quem publicou, em 1961, o livro *Child Development: A systematic and empirical theory*, considerado o primeiro livro sobre desenvolvimento humano com a perspectiva analítico-comportamental (Gehm, 2013). Após a publicação da obra de Bijou e Baer, outros estudos, tanto de natureza teórica (Gehm, 2013; Morris, 1988; Rosales-Ruiz & Baer, 1997, 2003; Schlinger Jr., 1995), quanto empírica (Bijou & Baer, 1974; Schmidt, Costa, Norberto, & Voss, 2014; Varella & Souza, 2011), dedicaram-se a produzir conhecimento sobre o desenvolvimento humano com base nos princípios analítico-comportamentais.

No contexto da Análise do Comportamento, B. F. Skinner (1904-1990) é uma referência constantemente mencionada, cujos estudos sobre o comportamento operante estabeleceram as bases dessa subárea do conhecimento científico. Apesar de, reconhecidamente, outros autores comporem o quadro de analistas do comportamento e trazerem contribuições para o avanço da análise comportamental, frequentemente são sus-

citadas indagações sobre a concepção skinneriana acerca de diversos temas da psicologia. Tais questionamentos estendem-se, inclusive, para o desenvolvimento humano. Entretanto, Skinner não escreveu um texto no qual compilasse sua perspectiva acerca das discussões sobre as quais a psicologia do desenvolvimento se debruça, sendo que suas contribuições sobre o desenvolvimento estão distribuídas, de modo fragmentado, em vários textos.

Em vista disso, alguns autores comprometeram-se com a tarefa de caracterizar o desenvolvimento humano de maneira coerente com a concepção de Skinner (Abib, 2001; Richelle, 2014), enquanto outros discutiram o legado desse autor para investigar e estudar o desenvolvimento psicológico (Gewirtz & Peláez-Nogueras, 1992). Abib (2001), por exemplo, destaca que Skinner critica o conceito de desenvolvimento entendido como sinônimo de “evolução direcionada à perfeição de espécies, indivíduos e culturas” (p. 111). Ele argumenta ainda que o Comportamentalismo Radical é contrário a “expressões como estágios fixos de desenvolvimento, crescimento, progresso, maturidade e perfeição” (p. 111). Com base nisso, Abib (2001) esclarece que, para Skinner, o desenvolvimento humano pressupõe mudanças de comportamento que, sem dúvida, têm uma direção, mas não são dirigidas à perfeição, pois a ordem e a velocidade das mudanças de comportamento dependem das contingências de reforçamento às quais o indivíduo é exposto.

Richelle (2014), por sua vez, elabora uma comparação entre Skinner e Piaget. Segundo ele, a produção científica dos dois autores ocorreu aproximadamente no mesmo período, entre os anos 1930 e 1980. Entretanto, “os dois gigantes da ciência psicológica alegremente se ignoravam mutuamente” (p. 97). Por outro lado, existem convergências entre Skinner e Piaget, dentre elas, destacam-se: a primazia da ação, ou seja, ao estudar o comportamento ambos consideravam que a ênfase deveria estar na ação; a analogia evolucionária; e o papel de destaque conferido às variações na construção de novos comportamentos (Richelle, 2014). Quanto a este último aspecto, Richelle (2014) complementa: “Estas similaridades, embora geralmente não observadas . . . fornecem a base para uma teoria integrativa do desenvolvimento e aprendizagem que é fundamentada posteriormente pelo uso comum da analogia evolucionária na explicação da ontogênese do comportamento” (p. 106).

Gewirtz e Peláez-Nogueras (1992) reconhecem que as proposições de Skinner sobre o comportamento ajudam a entender melhor o desenvolvimento humano em vários períodos da vida, inclusive na infância. Dentre as contribuições skinnerianas para a elucidação desse processo, eles ressaltam que talvez a maior delas seja, justamente, a proposta da contingência triplíce (isto é, a inter-relação entre situação antecedente, ação e consequência). Isso porque a análise funcional do comportamento tem, segundo os autores, facilitado a compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento dos indivíduos. Gewirtz e Peláez-Nogueras (1992) resumem o legado de Skinner mencionando que existe uma maior praticidade na proposta desse autor em explicar mudanças comportamentais que constituem o desenvolvimento humano por meio do paradigma da aprendizagem operante, quando comparado com outras perspectivas, sejam elas comportamentalistas ou não, acerca de tais mudanças.

Embora existam trabalhos com o intuito de delinear uma concepção de desenvolvimento humano consistente com as contribuições skinnerianas, em especial, com os pressupostos do Comportamentalismo Radical, nenhum deles constituiu um estudo sistemático da obra de Skinner, averiguando o próprio “desenvolvimento” dessa noção em seus trabalhos. Tendo isso por base, o objetivo deste texto é sistematizar as contribuições skinnerianas para o estudo do desenvolvimento humano, construindo um panorama dos principais aspectos examinados a respeito desse processo em seus livros, desde a década de 1930 até a década de 1980.

A despeito da Análise do Comportamento ter avançado e preenchido lacunas de conhecimento deixadas de lado na obra de Skinner, este trabalho pode ajudar a esclarecer as contribuições skinnerianas sobre o assunto, sistematizando a concepção de desenvolvimento humano, que fora abordada de modo tão fragmentado ao longo da obra desse autor. Ademais, tal sistematização poderá servir de pedra de toque para a Análise do Comportamento avaliar seus avanços com respeito às discussões skinnerianas do desenvolvimento, além

de abrir novas possibilidades de interlocução com diferentes perspectivas psicológicas do processo desenvolvimental.

MÉTODO

Para atender ao objetivo indicado foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica. O material utilizado foi o conjunto de livros de Skinner publicados em língua vernácula (inglês), com exceção da coletânea de artigos *Canonical Papers of B. F. Skinner*. A lista completa de livros desse autor foi obtida confrontando trabalhos que realizaram o levantamento bibliográfico da obra skinneriana (Andery, Micheletto, & Sério, 2004; Carrara, 1992) e a lista disponível no site da B. F. Skinner Foundation (n.d.).

A listagem das publicações desse autor é um trabalho que foi realizado por diferentes pesquisadores, conforme destacam Andery, Micheletto e Sério (2004), que efetuaram uma compilação da obra de Skinner com base em oito listas já publicadas. Ao comparar o resultado do trabalho conduzido por elas com as listas formuladas por Carrara (1992) e pela B. F. Skinner Foundation (n.d.), é possível perceber que existem divergências principalmente quanto à classificação ou não da coletânea de artigos *Canonical Papers of B. F. Skinner*, publicada originalmente na *The Behavioral and Brain Sciences*, na categoria de livro. Considerando que os textos apresentados nessa coletânea estão distribuídos em outros livros publicados de Skinner, neste trabalho esse conjunto de textos não foi contabilizado na lista de livros e, portanto, não foi examinado.

Feita essa ressalva, pode ser considerado que Skinner publicou um total de vinte livros ao longo de sua carreira, os quais compuseram o material bibliográfico deste trabalho: *The behavior of organisms* (1938); *Walden II* (1948); *Science and human behavior* (1953); *Verbal behavior* (1957a); *Schedules of reinforcement* (1957b), publicado em coautoria com Ferster; *The analysis of behavior: A program for self-instruction* (1961), publicado conjuntamente com Holland; *Technology of teaching* (1968); *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (1969); *Beyond freedom and dignity* (1971); *About behaviorism* (1974); *Particulars of my life: Part one of an autobiography* (1976); *Reflections on behaviorism and society* (1978); *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography* (1979); *Notebooks* (1980); *Skinner for the classroom: Selected papers* (1982); *Enjoy old age: A program of self-management* (1983a), publicado em coautoria com Vaughan; *A matter of consequences: Part three of an autobiography* (1983b); *Upon further reflection* (1987); *Recent issues in the analysis of behavior* (1989) e *Cumulative record: Definitive edition* (1999a).

Devido à extensão do material produzido por Skinner em seus livros, foi adotado o procedimento de buscar palavras-chave nos índices remissivos dessas publicações. Tal procedimento é uma ferramenta que facilita o trabalho do pesquisador que tenha interesse em estudar um conceito ou um conjunto de conceitos específicos, uma vez que os índices remissivos reúnem os principais conceitos utilizados pelo autor do texto, seguidos das páginas nas quais eles são citados. Neste trabalho, as palavras-chave referiram-se aos conceitos que ajudaram a compreender a concepção skinneriana acerca do desenvolvimento humano: desenvolvimento [development], desenvolver [develop], desenvolvimentismo [developmentalism]. Assim como outras noções que compõem a malha conceitual da psicologia do desenvolvimento: idade [age], evolução [evolution], crescimento [growth], maturação [maturation] e estágio [stage]. Entretanto, nem todos os livros publicados de Skinner têm índice remissivo, como é o caso de *Walden Two* (1948), *Schedules of reinforcement* (1957b) e *The analysis of behavior: A program for self-instruction* (1961). Nessas obras específicas, as palavras-chave foram buscadas no corpo do próprio texto.

Após a busca desses conceitos, o próximo passo foi realizar a leitura dos trechos em que as palavras eram citadas para avaliar o contexto de seu uso. Foram selecionados os trechos nos quais as palavras-chave pesquisadas tivessem alguma relação com o desenvolvimento humano. Em contrapartida, foram descartados trechos nos quais os conceitos eram citados no âmbito de qualquer contexto que não fosse relativo a “desenvolvimento humano”. Um exemplo desse caso foi a expressão “desenvolvimento da ciência”; outro

exemplo foi o termo “idade” referindo-se a um sentido distinto de “desenvolvimento humano”, tal como nesta citação: “Nós estamos entrando na era [age] do controle químico do comportamento humano” (Skinner, 1955/1999b, p. 21).

Os trechos selecionados com base nos critérios supracitados foram organizados na forma de um quadro, que foi dividido em duas colunas. Na primeira delas foram descritas as referências dos textos analisados. A segunda coluna foi preenchida com uma breve contextualização do que era examinado no texto, seguida da transcrição literal ou da citação indireta do trecho que continha alguma informação a respeito do desenvolvimento humano, com indicação de parágrafo e da página em ambos os casos.

Com base no quadro construído para a sistematização dos trechos selecionados, foi realizado um exame das características desses excertos. Para tanto, alguns aspectos foram destacados do que ocorria com maior frequência nos trechos referentes a cada década, sendo que o período analisado foi desde a década de 1930 até a de 1980. A escolha pela organização dos dados em décadas foi feita para facilitar a identificação de eventuais mudanças ou consistências nas contribuições de Skinner a respeito do desenvolvimento humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos estão apresentados e examinados na ordem das décadas, de 1930 a 1980. Em cada uma delas, as contribuições de Skinner para o estudo do desenvolvimento humano identificadas estão explicitadas com a indicação de quais aspectos esse autor mais considerou em cada década. Tendo em vista que a obra skinneriana não é monolítica (Laurenti, 2012; Micheletto, 1997; Moxley, 2001), serão apresentadas as concepções do autor acerca de classes de aspectos relativos à psicologia do desenvolvimento, destacando, quando for o caso, contrastes, convergências e complementaridades ao longo de suas publicações.

Dentre os vinte livros publicados de Skinner, em pelo menos quatorze deles o autor mencionou conceitos que constituem terminologia característica da psicologia do desenvolvimento. Isso significa que em, no mínimo, 70% dos seus livros publicados, Skinner se valeu do conceito de desenvolvimento ou de conceitos correlatos (idade, crescimento, maturação, estágio e evolução) para examinar algum aspecto referente ao desenvolvimento humano.

Na década de 1930 Skinner menciona alguns conceitos relacionados à psicologia do desenvolvimento, tais como idade, estágio e, inclusive, desenvolvimento. Porém, apesar de reportar-se a esses conceitos, os contextos nos quais eles foram citados não atenderam ao critério de inclusão, ou seja, eles não foram mencionados no âmbito de alguma discussão referente ao desenvolvimento humano. Um exemplo dos trechos descartados pode ser verificado quando Skinner (1938) faz uso da palavra desenvolvimento para discutir os processos de discriminação e extinção, afirmando que “após o desenvolvimento de uma discriminação, uma curva de extinção exibindo certas propriedades características é obtida se o estímulo previamente reforçado for apresentado continuamente sem reforço” (p. 211). Assim, no único livro publicado nessa década não foram encontradas contribuições do autor em exame para o que estava sendo objeto de investigação nesta pesquisa.

Mais adiante, na década de 1940, é publicada a obra ficcional *Walden II* (Skinner, 1948). Nesse texto, Skinner começa a considerar alguns aspectos referentes aos termos da psicologia do desenvolvimento: o desenvolvimentismo e o conceito de evolução. Sobre o primeiro tópico, o autor apresenta uma crítica, alertando que “um desenvolvimentismo acabado, por exemplo, quase nega a possibilidade de ação efetiva” (Skinner, 1948, p. viii). De acordo com ele, uma psicologia enraizada em explicações puramente desenvolvimentais para as mudanças de comportamento acaba por não ter a possibilidade de intervenção. Apesar de fazer essa afirmação, Skinner não esclarece o que entende por desenvolvimentismo e, nem mesmo, por desenvolvimento.

A respeito do conceito de evolução, Frazier, personagem de *Walden II*, afirma que “a evolução da inteligência humana pode não ter sido planejada deliberadamente. O estado final das coisas pode não ter sido previsto” (Skinner, 1948, p. 281). Nessa citação, por meio do personagem fictício, Skinner (1948) critica uma concepção teleológica segundo a qual a evolução teria um propósito final pré-definido. Embora nessas menções Skinner discorra apenas sobre evolução e não sobre desenvolvimento, pareceu importante incluí-las no texto porque nas décadas posteriores Skinner estabelece relações entre os dois conceitos, generalizando algumas características da evolução filogenética para o desenvolvimento ontogenético dos indivíduos.

Na década de 1950 Skinner dedica atenção a outros aspectos relacionados ao desenvolvimento, como a idade, a maturação e, além disso, começa a fazer analogias entre filogênese e ontogênese, o que é essencial para posteriores relações que estabelece entre os conceitos de evolução e desenvolvimento. Nesse contexto, Skinner (cf. 1953, pp. 141-159) postula que quando o comportamento é passível de ocorrer a qualquer momento e sem qualquer impedimento, normalmente ele apresenta uma periodicidade e, quando isso acontece, o tempo costuma ser usado como uma variável independente para prever o comportamento. Ele exemplifica:

Se um rato é confinado em uma pequena gaiola e lhe é dado acesso contínuo a uma roda de correr, seu comportamento na roda pode ser tomado como uma boa medida de sua atividade. . . . Uma periodicidade similar é vista quando uma troca com o ambiente não é restringida – como comer, beber ou se comportar sexualmente sob condições de oportunidade ilimitada. (Skinner, 1953, p. 155)

Com base nesses exemplos, Skinner (1953) sustenta a assertiva de que muitas mudanças comportamentais seguem um ciclo. Ele acrescenta ainda que quando tais mudanças se dão ao longo da vida de um organismo, frequentemente outra variável é levada em conta: a idade. De acordo com o autor, seguindo esse raciocínio, a ideia de maturação pressupõe que a probabilidade de um comportamento acontecer aumenta na medida em que a idade se modifica. A esse respeito ele esclarece que “uma resposta pode aparecer em uma certa idade e depois desaparecer. O aumento na probabilidade em função da idade é frequentemente chamado de maturação” (Skinner, 1953, p. 156).

Tendo por base essa perspectiva maturacionista do desenvolvimento, é comum a interpretação de que as mudanças comportamentais podem, com alguma exatidão, serem previstas caso a periodicidade ou o ciclo em que elas costumam ocorrer sejam conhecidos. Entretanto, Skinner (1953) critica essa concepção, afirmando que podem existir grandes diferenças individuais e, com isso, não é possível realizar tais previsões com exatidão baseando-se em uma idade média na qual certas mudanças costumam ocorrer em dada população (cf. Skinner, 1953, pp. 141-159). Porém, embora o autor renegue a variável idade como sendo explicativa para essas mudanças, ou ainda, como um indicativo absoluto de mudança comportamental, ele admite que existe certa regularidade nessas modificações e que a idade pode ser uma variável descritiva importante. Nas palavras dele, “idade é outra variável importante. . . . Foi registrada a idade em que uma criança faz pela primeira vez sons de linguagem. . . . No outro extremo do continuum da idade nós encontramos o comportamento verbal de senilidade” (Skinner, 1957a, pp. 213-214).

Ainda na década de 1950, Skinner estabelece relações entre filogênese e ontogênese, quando afirma, por exemplo, que “a capacidade de ser reforçado por comida [na ontogênese] provavelmente foi adquirida como parte do desenvolvimento evolutivo [filogênese] da espécie” (Skinner, 1957b, p. 1). As analogias entre seleção natural e reforçamento operante também se verificam nas décadas posteriores e, com elas, surgem comparações entre evolução filogenética e desenvolvimento ontogenético.

A partir da década de 1960 Skinner reitera essas analogias, além de retomar as considerações a respeito das variáveis idade e maturação. Somado a isso, ele trata de novos aspectos: a influência do ambiente e de fatores biológicos sobre o desenvolvimento, a metáfora do desenvolvimento e a direção do desenvolvimento. As relações que o autor estabelece entre filogênese e ontogênese adquirem, doravante, um novo caráter,

porque além de fazer analogias entre seleção natural e reforçamento operante, Skinner relaciona diretamente evolução filogenética e desenvolvimento ontogenético.

No trecho “assim que os homens começaram a propor e realizar mudanças práticas por causa das possíveis consequências, o processo evolutivo deve ter acelerado” (Skinner, 1955/1999c, p. 4) já existem indícios da ideia de que o desenvolvimento do ser humano na ontogênese pode ter repercussões na evolução filogenética. Outro exemplo mais claro da concepção de que o desenvolvimento e a evolução estão inter-relacionados pode ser evidenciado no excerto: “mas o assim chamado desenvolvimento do comportamento de uma criança é uma mistura de filogênese e ontogênese” (Skinner, 1969, p. 296). Além disso, Skinner (1969) também generaliza algumas características da evolução para o desenvolvimento, principalmente no tocante à sua incredulidade em relação à teleologia, conforme pode ser observado nesta passagem:

Evolução não é descrita de forma apropriada como um processo de tentativa e erro. Uma mutação é uma tentativa apenas para aqueles que insistem que a evolução tem direção e propósito. . . . Mas condicionamento operante também não é, como nós vimos, uma questão de tentativa e erro. (Skinner, 1969, p. 203)

Nesse trecho de seu texto, Skinner (1969), reiterando o que já tinha anunciado na década de 1940, dá relevo à sua descrença em concepções teleológicas quanto à evolução, ou seja, o autor critica a ideia de que esse processo se dá em direção a um estado final pré-definido. Considerando que, nesse excerto, ele também menciona o condicionamento operante e a probabilidade de mudança comportamental, é lícito pensar que tal descrença também se estende para as mudanças desenvolvimentais ontogenéticas, ou seja, o processo nomeado como desenvolvimento não teria um propósito definido a priori, ele seria contingente e probabilístico, de acordo com esse autor. Ao recorrer a essa analogia, Skinner (1969) também assinala sua compreensão acerca do papel desempenhado por variáveis biológicas, especificamente pela herança genética, sobre o desenvolvimento e, nesse contexto, ele retoma o papel da variável idade. Essas considerações podem ser verificadas neste trecho:

Os etologistas estudam o comportamento como uma função da condição da espécie. . . . Para mudar o comportamento deveríamos mudar a espécie. Não importa quão importante possam ser as variáveis genéticas, nós não as manipulamos tal como na predição e no controle do comportamento de um dado organismo. . . . Idade é tomada como a principal variável independente no estudo do desenvolvimento. . . . Nem o tempo, claro, pode ser manipulado como uma variável independente. (Skinner, 1969, pp. 87-88)

Conforme exposto nessa citação, Skinner não nega a relevância das variáveis genéticas no exame das mudanças comportamentais pelas quais os indivíduos passam ao longo da vida. De forma análoga, o autor também não deixa de reconhecer que existe certa regularidade nessas mudanças e que elas podem ter estreita relação com a idade. Porém, Skinner (cf. 1969, pp. 75-104) alerta que atribuir essas mudanças meramente à herança genética ou à passagem do tempo impossibilita qualquer ação que se dê com o intuito de intervir no processo de desenvolvimento. Em concordância com o que ele já havia afirmado na década anterior, Skinner critica que a idade tenha papel explicativo ou que seja um indicativo absoluto da mudança comportamental, mas a reconhece como sendo uma variável descritiva. A consequência de confinar a análise do desenvolvimento a variáveis que não podem ser manipuladas é exposta por Skinner (1969), quando ele diz:

A ênfase naturalmente recai sobre a topografia quando o comportamento é estudado como uma função de variáveis inacessíveis ou incontroláveis. . . . A psicologia do desenvolvimento nos diz como um bebê de uma dada idade levanta sua cabeça, muda de posição e aperta objetos. Se as variáveis independentes importantes são de fato apenas para serem encontradas na filogenia da espécie ou na idade, isso é talvez tudo o que pode ser feito. Mas talvez seja um erro confinar uma análise à estrutura do comportamento quando outras variáveis estão disponíveis. (p. 89)

De acordo com o que fora mencionado por Skinner (1969), quando o desenvolvimento é atribuído a eventos não manipuláveis, os estudos enfatizam a topografia do comportamento. Isso porque, segundo ele, se as mudanças comportamentais fossem determinadas por variáveis inacessíveis, não seria possível

manipulá-las e o processo de desenvolvimento não poderia ser alterado. Então, restaria à psicologia do desenvolvimento apenas descrever a forma do comportamento e a idade em que as mudanças ocorreriam. Para ilustrar isso, Skinner (1969) menciona que “o desenvolvimento da fala, por exemplo, é algumas vezes considerado simplesmente como um aumento no número de palavras ou formas gramaticais que uma criança usa conforme a idade passa” (p. 88).

Com base nessas considerações, na década de 1960 Skinner (1968) afirma, pela primeira vez, que o desenvolvimento é uma metáfora. De acordo com ele, essa metáfora decorre de uma visão maturacionista das mudanças comportamentais. Trata-se de uma analogia baseada na pressuposição de que o embrião se desenvolve com o mínimo de contato com o ambiente e, com isso, supõe-se que o mesmo ocorreria com o “desenvolvimento comportamental” (cf. Skinner, 1968, pp. 1-8). Entretanto, essa metáfora, de inspiração maturacionista, está comprometida com a ideia de que não é o comportamento em si que se desenvolve, mas sim determinantes internos do comportamento, em geral, de caráter biológico. Dessa perspectiva, “ensinar é nutrir ou cultivar a criança (como em um jardim de infância) . . . ou treiná-la no sentido horticultural de direcionar ou guiar seu desenvolvimento” (Skinner, 1968, p. 1).

A consequência dessa concepção desenvolvimentista é que caberia à comunidade da criança em desenvolvimento apenas guiá-la nesse processo, mas as variáveis responsáveis pelas mudanças comportamentais já estariam, em certo sentido, pré-formadas. Com base nisso, é possível compreender a assertiva de Skinner na década de 1940, segundo a qual uma visão puramente desenvolvimentista da psicologia impossibilita que haja intervenção (cf. Skinner, 1948, p. viii). Uma das críticas do autor a essa metáfora é que ela fere uma concepção relacional do comportamento, situando a explicação em determinantes internos (Skinner, 1968). Entretanto, Skinner (1968) destaca que essa perspectiva não é suficiente para examinar a relação organismo-ambiente, uma vez que tal relação deveria ser descrita em termos de contingências de reforçamento, que especificam: a ocasião na qual a ação ocorre, a própria ação, as consequências produzidas por ela e as influências dessas consequências na probabilidade de ocorrência de ações da mesma classe.

Ao discutir o desenvolvimento em termos de contingências, Skinner (1961/1999d) destaca o papel das contingências sociais nas mudanças comportamentais que se dão ao longo da vida do ser humano. A importância do contexto social é mencionada por ele, ao afirmar que:

O ser humano torna-se uma criatura social apenas porque outros seres humanos são partes importantes do seu ambiente. . . . Essas variáveis sociais compõem a “cultura” na qual a criança vive, e elas modelam o comportamento da criança em conformidade com determinada cultura. (p. 43)

Na década de 1970 Skinner recupera alguns “temas”, como a idade, a maturação, a relação entre evolução e desenvolvimento, a influência do ambiente, o desenvolvimentismo e, em especial, a metáfora do desenvolvimento. Além disso, o autor discute o conceito de estágio e, também, a relação entre Análise do Comportamento e psicologia do desenvolvimento.

Na década de 1960 Skinner propunha a ideia de desenvolvimento como uma metáfora (cf. Skinner, 1968, pp. 1-8) e na década de 1970 essa concepção é retomada em diferentes publicações (Skinner, 1971, 1974, 1978). Outra objeção do autor em relação a essa metáfora é apresentada nessa época: frequentemente a idade tem sido usada como uma variável explicativa para o desenvolvimento. Skinner (1971) diz que, do ponto de vista tradicional, “uma mudança dirigida no tempo é frequentemente chamada de ‘desenvolvimento’” (p. 139). Contudo, para ele a mudança não ocorre por conta da passagem do tempo, mas sim, pelo que ocorre enquanto o tempo está passando, ou seja, por conta das contingências existentes. Ele admite que há uma ordem nas mudanças comportamentais, mas rejeita que tal ordem, explicada pela mera passagem do tempo, seja inexorável. Esse tipo de explicação perde de vista a possibilidade de “mudar a ordem na qual os estágios se sucedem ou a velocidade com a qual isso se dá” (Skinner, 1971, p. 141).

Além disso, dizer que as mudanças comportamentais podem ser ordenadas não significa defender que elas tendem a um fim pré-determinado. De acordo com Skinner (1971), a palavra crescimento [grow-

th] é geralmente usada para enriquecer a metáfora do desenvolvimento com um telos, no sentido de que a mudança ordenada dar-se-ia em direção a um fim, no qual o estágio subsequente seria sempre melhor que o anterior. Skinner (1971), contudo, enfatiza que “é um erro supor que toda mudança ou desenvolvimento é crescimento” (p. 141). Com isso, argumentações a favor do desenvolvimento como um processo de mudanças progressivas que vão necessariamente ao encontro da maturidade, de um estágio mais complexo ou mais perfeito, não parecem encontrar respaldo na obra skinneriana.

A noção de desenvolvimento como metáfora está estritamente relacionada com a analogia que Skinner estabelece, por vezes, entre evolução e desenvolvimento. De acordo com ele,

a espécie humana não evoluiu por causa de um projeto inerente: ela evoluiu por meio da seleção de contingências de sobrevivência, como o comportamento verbal da criança evolui [se desenvolve] sob a ação seletiva de contingências de reforçamento. Como eu já destaquei, o mundo da criança também se desenvolve. (Skinner, 1974, p. 100)

Skinner (1969) insiste que é contraproducente debruçar-se sobre variáveis inacessíveis ou incontornáveis. Na década de 1960, ele havia indicado que a consequência de atribuir o desenvolvimento a variáveis dessa natureza é que o exame se restringe meramente à descrição da topografia do comportamento. Em consonância com essa ideia, na década de 1970 Skinner amplia a discussão, atribuindo a metáfora do desenvolvimento a uma preocupação estruturalista, ao dizer que “uma preocupação indevida com a estrutura do comportamento verbal tem encorajado a metáfora do desenvolvimento ou crescimento” (Skinner, 1974, p. 99). Porém, é válido ressaltar que o autor não nega a importância de descrever a topografia; apenas argumenta que uma análise limitada a esse aspecto é insuficiente. Nas palavras dele, “mas um registro de topografia precisa ser suplementado por um registro igualmente detalhado das condições nas quais isso [o comportamento] foi adquirido” (Skinner, 1974, p. 100).

Além da variável idade (Skinner, 1953, 1957a, 1969) e da herança genética (Skinner, 1969), Skinner (1974) também tece considerações acerca dos estágios de desenvolvimento e de explicações mentalistas para as mudanças comportamentais:

Diz-se que [tanto] o comportamento de uma pessoa [quanto] uma cultura passam por vários estágios até alcançarem a maturidade . . . diz-se que aquilo que cresce é algo na mente, como diz Piaget, ou na personalidade, como diz Freud. Mas se uma criança não se comporta mais da forma como ela se comportava um ano antes, não é apenas porque ela cresceu, mas sim porque ela teve tempo de obter [acquire] um repertório muito maior pela exposição a novas contingências de reforçamento e particularmente porque as contingências que afetam as crianças em idades distintas são diferentes. (Skinner, 1974, p. 67)

Uma crítica incisiva de Skinner (1978) contra o cognitivismo é que quando se criam constructos internos, os psicólogos esquivam-se de problemas ou perguntas bastante conhecidas, como: de que forma os indivíduos são, de fato, modificados quando entram em contato com seus ambientes? Ou ainda, o que mantém tais mudanças? O autor destaca que em meio a tantos problemas enfrentados é preciso mudar o comportamento e, para isso, é necessário modificar os ambientes físico e social desses indivíduos. Se, ao contrário, a psicologia, como conhecimento e como campo de atuação profissional, basear-se em uma concepção puramente desenvolvimentista e houver um engajamento em mudar a genética, a mente, ou o estágio no qual as pessoas estão classificadas, a consequência seria inevitavelmente a falha em resolver tais problemas, já que a única ação possível consistiria em esperar que a pessoa passasse pelo período desenvolvimental (cf. Skinner, 1974, p. 12). Nesse ponto, Skinner (1978) retoma o caráter horticultural da metáfora do desenvolvimento, o qual ele já havia mencionado na década de 1960 (cf. Skinner, 1968, p. 1). Quanto a isso, ele esclarece:

A metáfora da horticultura minimiza as contribuições do ambiente. [De acordo com tal metáfora] nós podemos acelerar o crescimento da mente, mas nós não somos mais responsáveis pela sua característica final do que os fazendeiros o são pelas frutas e vegetais que eles, tão cuidadosamente, nutrem. (p. 99)

Em contraposição aos pressupostos dessa metáfora, Skinner (1978) afirma que muitas mudanças comportamentais que parecem ser resultado de um potencial interno do indivíduo decorrem, em geral, de mudanças no ambiente. Por isso, ele reitera que o processo denominado desenvolvimento está atrelado a mudanças nas contingências. Com base nessas considerações, Skinner (1974) esclarece qual a relação entre Análise do Comportamento e psicologia do desenvolvimento, ao asseverar que “restou a Darwin descobrir [como ocorre] a ação seletiva do ambiente, assim como resta a nós complementar o desenvolvimentismo na ciência comportamental com uma análise da ação seletiva do ambiente” (Skinner, 1974, p. 68). Ou seja, caberia à ciência do comportamento completar a visão puramente desenvolvimentista, descrevendo as mudanças em termos de contingências.

Na década de 1980 Skinner alude, mais uma vez, à variável idade, à maturação, à relação entre evolução e desenvolvimento, à influência do ambiente e de variáveis biológicas, à metáfora do desenvolvimento, ao desenvolvimentismo e ao conceito de estágio. Somado a isso, Skinner também passa a examinar outro processo relacionado ao desenvolvimento, o envelhecimento.

O conceito de desenvolvimento continua a ser apresentado por Skinner (1982, 1987, 1989) como sendo uma metáfora. Nas palavras do próprio autor: “Evoluir primeiramente significava desenrolar, como se desenrola um pergaminho; desenvolver algum dia significou desdobrar, como se abre uma carta. Ambos significavam revelar algo que já estava lá” (Skinner, 1989, p. 54). No excerto citado, Skinner (1989) explica que, na sua origem etimológica, o termo “desenvolver” significava desdobrar ou desenrolar.

Por conseguinte, o uso desse conceito compromete-se com a ideia de que existe uma predeterminação interna ao sujeito das mudanças pelas quais passará ao longo de sua vida. Segundo Skinner (1987), conforme esse entendimento, “desenvolver não é simplesmente envelhecer, mas desdobrar uma estrutura latente, perceber um potencial interno se tornar mais efetivo” (pp. 145-146). Dessa metáfora do desenvolvimento decorrem concepções, segundo as quais, as mudanças de um organismo ou de uma espécie se dão em uma sequência de estágios definida a priori. Com isso, o papel do ambiente reduz-se ao de mero disparador do processo, fornecendo, em última instância, as condições necessárias para que os estágios programados previamente nos genes aconteçam em idades específicas (Skinner, 1978, 1982).

Partindo desse comprometimento da metáfora, Skinner (1987) retoma a ideia presente em seus textos nas décadas de 1960 e 1970 de que a atribuição do desenvolvimento a variáveis inacessíveis conduz a um foco extremado sobre a topografia do comportamento. Mais do que isso, ele diz que “desenvolvimentismo é o estruturalismo para o qual tempo ou idade foi adicionado como uma variável independente” (Skinner, 1987, p. 59). Porém, a crítica a uma determinação interna das mudanças comportamentais não significa que Skinner negue a existência de variáveis biológicas ou mesmo conteste que tais variáveis impõem limites para o desenvolvimento. De acordo com ele, existe o desenvolvimento do organismo, que não pode ser impedido. Entretanto, em interação com esse desenvolvimento existem as mudanças que são próprias do envelhecimento da pessoa e que dependem das contingências às quais o indivíduo é exposto (Skinner, 1983a, 1987).

Examinando essas limitações biológicas, na década de 1980 Skinner escreveu textos acerca do envelhecimento (Skinner, 1983a, 1987). O autor pondera sobre essas limitações ao afirmar que “um processo fisiológico inevitável sem dúvida ocorre. Nossos corpos mudam” (Skinner, 1983a, p. 31). Entretanto, ele esclarece que, mesmo existindo esses limites, o desenvolvimento da pessoa não depende puramente das mudanças biológicas: “Dentro dos limites impostos pelo envelhecimento fisiológico, nós agimos e nos sentimos jovens ou velhos por causa do que está acontecendo conosco e do que, como resultado, nós fazemos” (Skinner, 1983a, p. 31).

Ao discutir sobre essa questão, Skinner (1987) alerta ainda que embora não seja possível interromper o envelhecimento orgânico, existe a possibilidade de melhorar as condições nas quais o comportamento ocorre, ou seja, é possível manipular as contingências ontogênicas. Passando a palavra ao autor: “Muito

do que parece ser o desdobramento de um potencial interno é o produto do desdobramento do ambiente: o mundo da pessoa [também] se desenvolve” (Skinner, 1987, p. 146). A vantagem da psicologia comprometer-se com essa forma, proposta por Skinner (1987), de conceber os fatos é que com os limitantes biológicos o curso do envelhecimento da pessoa não pode ser impedido, mas pode ser modificado, já que é possível alterar o ambiente “em desenvolvimento”.

Tendo em vista as informações apresentadas, é importante notar que embora Skinner tenha feito uso do conceito de desenvolvimento e de conceitos correlatos em quase todas as décadas nas quais publicou, a todo momento ele alerta que o uso desse conceito não é tão inócuo quanto aparenta. Skinner (1968, 1971, 1974, 1987, 1989) vislumbra o risco dessa metáfora ser tomada em seu sentido literal, ou seja, como o desdobrar de um potencial latente, seja esse potencial de natureza biológica ou mental. Exemplos expressivos de como essa metáfora é concebida literalmente podem ser observados em estágios ou mudanças padronizadas estabelecidos pelas teorias do desenvolvimento (Skinner, 1968, 1980).

A crítica de Skinner em relação a esses padrões é apresentada, com um certo tom de sarcasmo, quando ele diz: “é uma grande falácia a crença de que as coisas acontecerão como elas sempre aconteceram. . . . Você também pode dizer que meu coração continuará batendo porque ele tem feito isso por muitos anos” (Skinner, 1980, p. 218). E a consequência inevitável do estabelecimento de estágios fixos de desenvolvimento é a rotulação do indivíduo como retido ou fixado quando ele apresenta alguma mudança comportamental não condizente com sua idade, ou ainda, quando deixa de apresentar alguma mudança que era esperada (cf. Skinner, 1971, pp. 127-144). Skinner (1971) alerta sobre as consequências de tais rótulos e questiona a eficácia, ou mesmo a necessidade, de classificar o desenvolvimento do indivíduo nesses termos:

Se a mudança é interrompida, nós falamos de desenvolvimento retido ou fixado, o qual nós tentamos corrigir. Quando a mudança é lenta, nós falamos de retardo e trabalhamos pela aceleração. Mas esses valores altamente apreciados tornam-se sem sentido (ou pior) quando a maturidade é alcançada. Ninguém está ansioso para “se tornar” senil; a pessoa madura ficaria agradecida por ter seu desenvolvimento retido ou fixado. (p. 141)

B. F. Skinner e a (des)construção de uma teoria do desenvolvimento

Skinner, de fato, não escreveu uma “Grande Teoria do Desenvolvimento” – entendida como uma organização altamente formal e abstrata de conceitos, com o objetivo de representar de modo totalizante e categórico todas as explicações sobre o processo desenvolvimental, com base na qual os indivíduos são avaliados e classificados – o que parece ser consistente com leituras que distanciam a teoria skinneriana do compromisso com metanarrativas (cf. Abib, 1999, p. 244). Tampouco Skinner redigiu um texto no qual compilasse sua visão global acerca do que está abarcado pela psicologia do desenvolvimento. Ainda assim, não é possível dizer que ele não trouxe contribuições para a Análise do Comportamento examinar e avaliar essa subárea da psicologia.

Resumidamente, pode ser considerado que, para Skinner, desenvolvimento é um conceito utilizado para descrever mudanças sistemáticas que ocorrem ao longo da vida dos indivíduos, sendo essas mudanças ocasionadas por variáveis biológicas, ontogenéticas e culturais. Embora exista certa regularidade na ordem em que se dão tais mudanças e essas possam ter correlação com a idade, a passagem do tempo não deve ser considerada uma variável explicativa. Além disso, a ordem e a velocidade das mudanças não são fixas e universais, pois dentro dos limites impostos pelo desenvolvimento biológico, é possível modificar as contingências ontogenéticas e culturais às quais o indivíduo é exposto. Esse processo de mudanças também não é teleológico, ou seja, não se dá em direção a um estágio necessariamente mais complexo, definido a priori.

Tais modificações características do desenvolvimento são contingentes e não absolutas. Com isso, o estabelecimento de uma periodização exata, na forma de estágios fixos de desenvolvimento parece destoar

da “proposta skinneriana”. De modo correspondente, do ponto de vista do Comportamentalismo Radical é preciso ponderar sobre o uso de termos como desenvolvimento “típico”, “atípico”, “normal”, “anormal”, “atrasado” ou “fixado”, visto que todo comportamento é produto de uma história de contingências, inclusive aqueles considerados “patológicos” e “anormais” (Lopes & Laurenti, 2014).

Conforme pode ser verificado, ao longo das publicações skinnerianas investigadas no âmbito deste estudo, não existiram contradições na forma como Skinner concebeu o desenvolvimento humano. O que fica evidente entre uma obra e outra parece ser muito mais uma complementaridade. Em seus primeiros textos, Skinner se deteve mais sobre o conceito de evolução, fazendo críticas pontuais à questão do desenvolvimentismo. Mas, na medida em que ele começou a estabelecer relações entre evolução e desenvolvimento, outros aspectos foram incorporados, como o maturacionismo, o papel da variável idade e das variáveis biológicas. Partindo dessas discussões, Skinner sistematizou seu entendimento a respeito do desenvolvimento, apresentando o conceito existente como uma metáfora. Tendo elaborado essa noção, o autor passou a ponderar aspectos que exemplificam os comprometimentos dessa metáfora, como a ênfase na descrição topográfica do comportamento, a organização das mudanças em estágios fixos, a padronização e a consequente rotulação dos indivíduos.

A dedicação de Skinner em discorrer sobre esses conceitos manteve-se ao longo das seis décadas nas quais seus livros foram publicados. A razão disso ou a explicação para o fato dele ter estudado mais certos aspectos em algumas décadas do que em outras precisa ser explorada em novos trabalhos que sondem e avaliem contingências, inclusive, externas aos próprios textos skinnerianos.

Além disso, a constatação de haver uma complementaridade entre os conceitos não significa que o “desenvolvimento” da concepção skinneriana sobre o desenvolvimento humano, ao longo de sua obra, se deu rumo a uma maior perfeição ou complexidade. Tendo em vista o que Skinner afirma sobre o desenvolvimento humano, seria inconsistente afirmar que as considerações skinnerianas mais tardias são necessariamente melhores porque são ulteriores.

Todavia, é preciso ponderar que embora Skinner examine aspectos referentes ao desenvolvimento, pelo menos nos textos utilizados neste estudo, ele argumenta que “desenvolvimento” é um termo que precisa ser usado, se é que o deve ser, com muita cautela no campo da ciência comportamental, principalmente porque está tradicionalmente comprometido com o pressuposto de que existem determinantes internos para o comportamento. A atribuição de causas internas para a mudança de comportamento contraria diretamente a hipótese primordial do Comportamentalismo Radical: de que o estudo do comportamento em seu próprio domínio basta para explicar o fenômeno psicológico (Lopes & Laurenti, 2014; Lopes, Laurenti, & Abib, 2012; Skinner, 1989).

Porém, o fato de não existir, marcadamente, uma teoria analítico-comportamental do desenvolvimento, não significa que a Análise do Comportamento não tenha contribuições para os estudos dessas mudanças regulares que se dão durante a vida dos indivíduos. Por meio da Análise do Comportamento, Skinner explicou o “desenvolvimento” em termos de contingências, desde a infância (Skinner, 1948, 1968, 1969, 1971, 1974, 1978, 1980, 1983a) até a velhice (Skinner, 1983a, 1987). Este texto, sem dúvida, não esgota as possibilidades de exame do entendimento a respeito do desenvolvimento humano nas produções de Skinner. Será muito importante haver trabalhos que investiguem esse processo e seu entendimento, inclusive, em outras formas de registro do comportamento verbal de Skinner, tais como artigos, entrevistas, palestras etc. Será também útil verificar como se dão as inter-relações entre variáveis biológicas, ontogenéticas e culturais na delimitação dos processos desenvolvimentais na perspectiva skinneriana. Apesar das limitações concernentes a este trabalho de pesquisa, espera-se que ele sirva como uma contribuição ao debate acerca das relações entre psicologia do desenvolvimento e a Análise do Comportamento.

REFERÊNCIAS

- Abib, J. A. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 237-247.
- Abib, J. A. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 107-117.
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (2004). Publicações de B. F. Skinner: de 1930 a 2004. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(1), 93-134.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1974). *Psicología del desarrollo infantil: Teoría empírica y sistemática de la conducta* (Vol. 2). México: Editorial Trillas.
- B. F. Skinner Foundation (n.d.). *Books*. Recuperado em 02 de novembro, 2015, de <http://www.bfskinner.org/publications/books/>.
- Carrara, K. (1992). Acesso a Skinner pela sua própria obra: publicações de 1930 a 1990. *Revista Didática*, 28, 195-212.
- Fisher, C. B., & Lerner, R. M. (2005). American psychological association, division 7. In *Encyclopedia of applied developmental science*. doi:<http://dx.doi.org/10.4135/9781412950565>
- Gehm, T. P. (2013). *Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da análise do comportamento* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gewirtz, J. L., & Peláez-Nogueras, M. (1992). B. F. Skinner's legacy to human infant behavior and development. *American Psychologist*, 47(11), 1411-1422.
- Katz, D. (1970). Psicología del desarrollo. In D. Katz & R. Katz (Orgs.). *Manual de psicología* (2a ed.). Madrid: Ediciones Morata.
- Laurenti, C. (2012). O lugar da análise do comportamento no debate científico contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 367-376.
- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2014). Comportamentalismo. In S. de F. Araujo et al. (Orgs.). *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea* (pp. 87-130). Juiz de Fora, MG: Editora UFJF.
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2012). *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical: Mundo, homem e ética*. Santo André: ESETEC.
- Micheletto, N. (1997). Bases filosóficas do behaviorismo radical. In R. A. Banaco (Org.). *Sobre o comportamento e cognição* (Vol. 1, pp. 158-161). São Paulo: ARBytes.
- Morris, E. K. (1988). Contextualism: the world view of behavior analysis. *Journal of Experimental Child Psychology*, 46, 289-323.
- Mota, M. E. da. (2005). Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 13(2), 105-111.
- Moura, M. L. S. de, Correa, J., & Spinillo, A. (1998). Prefácio. In M. L. S. de Moura, J. Correa, & A. Spinillo (Orgs.). *Pesquisas brasileiras em psicologia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.
- Moxley, R. A. (2001). The modern/postmodern context of Skinner's selectionist turn in 1945. *Behavior and Philosophy*, 29, 121-153.
- Pelaez, M., Gewirtz, J. L., & Wong, S. E. (2008). A critique of stage theories of human development. In: B. A. Thyer, K. M. Sowers, & C. N. Dulmus (Orgs.). *Comprehensive handbook of social work and social welfare: Human behavior in the social environment* (pp. 503-518). Canadá: John Wiley & Sons.
- Richelle, M. N. (2014). Piaget e Skinner: construtivismo e behaviorismo. In B. F. Skinner: *Uma perspectiva europeia* (Marina S. L. B. de Castro, Trad., pp. 97-108). São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1997). Behavioral cusps: a developmental and pragmatic concept for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 30(3), 533-544.

- Rosales-Ruiz, J. & Baer, D. M. (2003). In the analysis of behavior, what does “develop” mean? In A. K. Lattal & P. N. Chase (Orgs.). *Behavior Theory and Philosophy* (pp. 339-346). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Schlinger Jr., H. D. (1995). *A behavior analytic view of child development*. New York: Plenum Press.
- Schmidt, A., Costa, A. R. A. da, Norberto, M. C., & Voss, A. (2014). Ocorrência de classes gramaticais na fala espontânea de crianças de 18 a 41 meses com pares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), 573-581.
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1948). *Walden II*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: The Macmillan Company.
- Skinner, B. F. (1957a). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F., & Ferster, C. B. (1957b). *Schedules of reinforcement*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F., & Holland, J. G. (1961). *The analysis of behavior: A program for self-instruction*. New York: McGRAW-HILL Book Company.
- Skinner, B. F. (1968). *Technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). *Particulars of my life: Part one of an autobiography*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). *Notebooks* (R. Epstein, Ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1982). *Skinner for the classroom: Selected papers* (R. Epstein, Ed.). Champaign, IL: Research Press.
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E. (1983a). *Enjoy old age: A program of self-management*. New York: W. W. Norton & Company.
- Skinner, B. F. (1983b). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. New York: Knopf.
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus, OH: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1999a). *Cumulative record: Definitive edition*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1999b). The control of human behavior. In *Cumulative record: Definitive edition*. New York: Appleton-Century-Crofts (pp. 19-24). (Trabalho original publicado em 1955).
- Skinner, B. F. (1999c). Freedom and the control of men. In *Cumulative record: Definitive edition*. New York: Appleton-Century-Crofts (pp. 3-18). (Trabalho original publicado em 1955).
- Skinner, B. F. (1999d). The design of cultures. In *Cumulative record: Definitive edition*. New York: Appleton-Century-Crofts (pp. 39-50). (Trabalho original publicado em 1961).
- Varella, A. A. B., & Souza, D. G. (2011). O uso do procedimento bloqueado no ensino de discriminações condicionais de identidade para em pessoas com autismo: efeitos do emprego de três estímulos modelo. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 7, 55-71.

Received: June 22, 2015
Accepted: November 08, 2015